RÁDIO PEÃO
Boletim do Sindipetro/MG | 19 de novembro de 2026 | 296 | www.sindipetro.org

Sindicato cobra providências da Regap diante de falhas de segurança



O Sindipetro/MG enviou ofícios à gestão da Refinaria Gabriel Passos (Regap), em Betim, manifestando preocupação com episódios recentes de graves falhas de segurança durante as atuais paradas de manutenção. A entidade também cobra a apuração de denúncias de subnotificação de acidentes que colocam em risco a saúde e até a vida dos trabalhadores, principalmente daqueles vinculados a empresas contratadas pela refinaria.

Em um dos incidentes, um trabalhador inalou uma baforada de nafta enquanto abria um flange para a instalação de raquetes. Ele foi socorrido no posto médico e, devido à baixa saturação de oxigênio, precisou receber suporte de oxigênio. Após permanecer em observação, a equipe médica considerou desnecessário encaminhá-lo para atendimento hospitalar. O caso, no entanto, não foi comunicado ao Sindicato, nem houve emissão da Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT).

Algumas semanas depois, outro episódio semelhante foi registrado. Um trabalhador inalou um contaminante, com suspeita de presença de H2S (gás sulfídrico). Após apresentar baixa saturação de oxigênio no posto médico, precisou de suporte respiratório mecânico e foi encaminhado ao hospital. No dia seguinte, depois de passar por nova avaliação no posto médico, recebeu liberação para retornar ao trabalho.

Nos dois episódios, envolvendo a inalação de substâncias tóxicas, os quadros foram tratados como mal-estar, e não como intoxicação. Essa foi a justificativa apresentada para a não emissão das CATs. O Sindicato já cobrou esclarecimentos da empresa por meio de ofícios, mas, até o momento, não recebeu manifestação.

Para o Sindipetro/MG, a gestão da Regap precisa adotar todas as medidas necessárias para garantir a segurança dos trabalhadores e alertá-los sobre os riscos envolvidos nas atividades. A entidade ressalta que a prevenção é fundamental para evitar a repetição de ocorrências, sejam elas de menor gravidade ou de alto potencial de risco.

Jornadas exaustivas

Além da falta de transparência na comunicação dos acidentes, o Sindicato denuncia o descumprimento dos limites de jornada de trabalho. Relatos recebidos pela entidade apontam que operadores estão trabalhando além das 12 horas habituais de turno. Em um caso extremo, um trabalhador teria cumprido 24 horas consecutivas de trabalho. A sobrecarga também atinge os empregados de empresas contratadas. Há relatos de prestadores de serviço submetidos a jornadas superiores a 12 horas diárias durante a parada de manutenção.

O Sindipetro/MG lembra que o histórico do Sistema Petrobras demonstra que os acidentes mais graves costumam ocorrer justamente durante as paradas de manutenção, períodos em que a pressão pelo cumprimento de prazos e a fadiga das equipes ampliam os riscos operacionais.

Diante desse cenário, o Sindicato exige respostas imediatas da gestão da Regap sobre a não emissão das CATs nos casos de inalação de gases tóxicos e cobra a ampla divulgação dos acidentes para toda a categoria. Também reivindica maior fiscalização dos contratos e das condições de trabalho nas empresas prestadoras de serviço, de forma a combater a precarização e garantir o cumprimento dos direitos dos trabalhadores.



Sindipetro/MG cobra mais agilidade e sensibilidade do RH da Petrobrás

O Sindipetro/MG tem recebido relatos de trabalhadores sobre a demora do RH da Petrobrás em dar encaminhamento às suas demandas. Há casos de pedido de transferência para a localidade de origem, motivados por problemas de saúde de familiares, que permanecem sem resposta. Mesmo em situações que envolvem quadros de depressão na família, os pedidos não recebem uma avaliação ágil.

Sem retorno, os trabalhadores ficam submetidos a uma série de procedimentos burocráticos, que envolvem planilhas, prazos e, o mais preocupante, o silêncio da empresa. A reclamação é de que o RH não tem demonstrado a sensibilidade necessária para tratar de demandas delicadas, que afetam diretamente a vida pessoal e a saúde mental dos empregados.

Os profissionais das áreas de assistência social e psicologia se esforçam para acolher e orientar os trabalhadores, mas não têm autonomia administrativa para tomar decisões ou solucionar essas demandas. Na prática, a orientação acaba sendo preencher a planilha disponível no painel de permutas e aguardar o surgimento de algum interessado, além da aprovação das gerências envolvidas.

Para os trabalhadores, a ausência de respostas mantém tudo em aberto e gera constrangimento, já que os empregados acabam tendo de insistir repetidamente por um posicionamento do RH. "Se os problemas psicológicos do trabalhador e as demandas familiares são levados ao conhecimento do RH e dos profissionais de saúde, mas não há qualquer retorno, onde está o cuidado humano que a empresa tanto prega?", questiona Carmen Lúcia Rodrigues, coordenadora-geral do Sindipetro/MG.

Pequeno manual antirracista reflete sobre formas de combate ao racismo

Uma boa dica de leitura para quem quer aprofundar sua percepção sobre discriminações raciais estruturais é o livro "Pequeno manual antirracista" (2019), da filósofa, feminista negra e escritora Djamila Ribeiro. Para a autora, essa é uma luta de todos e todas.

A obra está dividida em onze lições intituladas, respectivamente: "Informe-se sobre o racismo"; "Enxergue a negritude"; "Reconheça os privilégios da branquitude"; "Perceba o racismo internalizado em você"; "Apoie políticas educacionais afirmativas"; "Transforme seu ambiente de trabalho"; "Leia autores negros"; "Questione a cultura que você consome"; "Conheça seus desejos e seus afetos"; "Combata a violência racial"; e "Sejamos todos Antirracistas".

Djamila explica que o racismo é tão presente em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido. Ela cita como exemplo a ausência de pessoas negras numa produção cinematográfica. Ou então, quando ao escutar uma piada racista, as pessoas riem ou silenciam, em vez de repreender quem a fez. "O silêncio é cúmplice da violência", sentencia.

Ela chama a atenção para a herança escravista que faz com que o mundo do trabalho seja particularmente racista e diz que a melhor maneira de não reproduzir as variadas formas de racismo nesses ambientes é questionar o statu quo. Qual a proporção de pessoas negras e brancas em sua empresa? Como fica essa proporção nos cargos mais altos?

Em síntese, a autora sugere que pessoas brancas devem se responsabilizar criticamente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente, produzindo desigualdades, e pessoas negras podem se conscientizar dos processos históricos para não reproduzi-los. Como diz Ângela Davis, ativista pelos direitos das pessoas negras, "numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista".

Sindicalize-se

RÁDIOPEÃO
EXPEDIENTE

Av. Barbacena, 242 - B. Barro Preto - Belo Horizonte/MG - CEP: 30190-130
Departamento de Comunicação do Sindipetro/MG
Diretoria de Comunicação Alisson Cerqueira, Pablo Magalhães e Reinaldo Machado • **Jornalista** Debora Junqueira • **Diagramação** André Quintão • **E-mail** imprensa@sindipetromg.org.br • **Site** www.sindipetro.org